

Memórias de um colono e um prefácio (Thomas Davatz e Sergio Buarque), na tentativa de entender um sistema.

Moisés Stahl
Graduando – Unesp/Assis

Resumo

Em meados do século XIX fora publicado na Suíça um livro relatando as condições dos colonos na fazenda Ibicaba, propriedade de Nicolau Pereira de Campos Vergueiro, o Senador Vergueiro. O autor, um ex-colono que imigrou para trabalhar nas roças de café desta fazenda. O livro, Memórias de um colono no Brasil, escrito por Davatz traz o relato das péssimas condições pelas quais passaram os colonos. A proposta deste texto é através da visão do colono compreender o momento histórico, fazendo um dialogo com o pioneiro trabalho sobre o sistema de parceria realizado por Sergio Buarque de Holanda na forma de prefácio para o livro.

No ano de 1858, em Chur na Suíça, publicava-se um livro que relatava as condições de colonos suíços e alemães em uma fazenda de café da então província de São Paulo. O livro saía com o apelativo titulo em alemão: Die Behandlung der Kolonisten in der Provinz St. Paulo in Brasilien und deren Erhebung gegen in ihre Bedrückter. Ein Noth-und Hilfsruf an die Behörden und Menschenfreunde der Länder und Staaten, welchen die Kolonisten angehören (o tratamento dos colonos na província de S. Paulo no Brasil e sua sublevação contra seus opressores. Um pedido de misericórdia e de socorro às autoridades e aos filantropos dos países e estados aos quais pertencem os colonos).¹ Seu autor, Thomas Davatz, um mestre-escola em seu pais e ex colono das roças de café da fazenda Ibicaba. Thomas Davatz imigrou para o Brasil para trabalhar como colono na fazenda Ibicaba, propriedade do Senador Vergueiro. Davatz embarcou para o Brasil na primavera – européia - de 1855, seduzido pela descrição do Brasil, feita pelos agentes de imigração, o mestre-escola seguiu o que ele chamou de febre imigratória: “Lindas descrições, relatos atraentes dos países que a imaginação entreviu; quadros pintados de modo parcial e inexato, em que a realidade é por vezes deliberadamente falseada, cartas ou informes sedutores e fascinantes de amigos, de parentes; a eficácia de tantos prospectos de propaganda e também, sobretudo, a atividade infatigável dos agentes de imigração, mais empenhados em recheiar os próprios

bolsos do que em suavizar a existência do pobre... – tudo isso e mais alguma coisa contribuiu para que a questão da emigração atingisse um grau verdadeiramente doentio, tornado-se uma legítima febre de emigração que já contaminou muita gente. E assim como na febre física dissipa-se a reflexão tranqüila, o juízo claro, coisa parecida ocorre nas febres de emigração. Aquele a quem ela contagiou, sonha com o país idealizado durante o sono e durante a vigília, no trabalho e no descanso; agarra-se a prospectos e folhetos que tratam do seu tema favorito, dando-lhes o maior crédito (em regra, porém, quando afagam as suas aspirações)".²(Sic)

Neste trecho Davatz examina a psicologia do imigrante, este vai se agarrar ao idealizado. No prefácio Sergio Buarque se refere a esse processo de idealização da terra prometida: "A primeira idéia que um mundo novo oferece ao emigrante é freqüentemente a de uma esfera de possibilidades infinitas e onde a capacidade de ação não encontra estorvo. (...) mas envolve também uma capacidade de idealizar em excesso a terra procurada, terra prometida, criando imagens falsas e ilusórias. Certa dose de fantasia e credulidade, por pequena que seja, certo definhamento do senso de crítica, existiu sempre à origem de todas as emigrações em grande escala."³

E assim se realizou a segunda leva de imigrantes para trabalhar na fazenda Ibicaba e Angélica, esta também de propriedade do Senador Vergueiro. Estes imigrantes chegaram ao porto de Santos em julho de 1855. Porém, a primeira leva contratada por Vergueiro chegou ao Brasil em 1847, neste momento o Senador Vergueiro se tornara o primeiro fazendeiro a utilizar a mão-de-obra livre no cultivo do café. Antes disto, em 1840, o longevo Senador tentou implantar o trabalho livre, introduzindo 80 famílias portuguesas em suas fazendas. A tentativa fracassou em consequência das agitações políticas ocorridas em 1842 na Província de São Paulo. Portanto as experiências de Vergueiro se processam desde o início da década de 1840 e se findam com o fracasso do Sistema de parceria, em decorrência da revolta de Ibicaba em 1857; se pensarmos em estender esta periodização podemos estendê-la até 1859, ano da morte de Nicolau Pereira de Campos Vergueiro. Após a revolta de Ibicaba o sistema de parceria entrou em acentuado declínio poucos foram os fazendeiros que se arriscaram em se valer deste tipo de relação de trabalho, outras formas de trabalho foram buscadas para resolver o problema da mão de obra.

A questão da mão-de-obra era a grande preocupação dos fazendeiros da província de São Paulo. O debate sobre um possível fim da escravidão ganhava força, as pressões inglesas para que as autoridades brasileiras pusessem um fim ao tráfico de escravos aumentavam, e se concretizava com a criação da Lei Eusébio de Queiros (1850). Após esta

lei, a necessidade de substituir o trabalho escravo ganha força, não por acaso Sergio Buarque ao traduzir o livro de Davatz, colocava como título: Memórias de um colono no Brasil (1850), este (1850) provavelmente em referência à Lei Eusébio de Queiros, que pos fim ao trafico de escravos e gerou a necessidade de substituir estes escravos por uma nova força de trabalho. Exata lei não pos fim a escravidão, em consequência disto, ocorreu um encarecimento dos escravos. São Paulo não possuía muitos escravos, a grande maioria se concentrava no nordeste, assim os fazendeiros buscaram no exemplo da firma Vergueiro um meio de sanar a falta de trabalhadores em suas terras. O Senador Vergueiro surgiu neste contexto como o grande pioneiro na utilização do braço imigrante, mesmo antes da lei de 1850, ele mostrava ousadia em contratar colonos europeus para servir de mão-de-obra em suas fazendas.

Em 1847, chega ao Brasil a primeira leva de imigrantes contratados no velho mundo para trabalharem sob o regime de parceria - o que ficou conhecido como Sistema de parceria. Escolheu para este empreendimento famílias de origem alemã. Preferiam famílias, nelas o numero de trabalhadores seria maior e, caso chefe da família, morresse a responsabilidade da divida contraída cairia aos membros da família. Esta clausula contratual esteve vinculada ao segundo grupo de imigrantes que aportou ao Brasil em 1855. A firma Vergueiro & Cia. Faz modificações contratuais entre a primeira leva e a segunda leva de colonos imigrantes, em muitos aspectos as causas do malogro do sistema de parceria estão relacionadas aos contratos, Davatz refere-se muito aos contratos "Parece-me também que o artigo 10º entra em contradição com parágrafo 2º do artigo 4º."⁴ Em nota Sergio Buarque informa que os artigos 10º e 11º não constam nos contratos primitivos.

Vários são os argumentos, das causas que levaram ao fracasso do Sistema de parceria, muitos atribuem o fracasso à mentalidade escravocrata dos proprietários, não sabendo estes lidar com o colono imigrante tratava-o, em alguns casos em pé de igualdade com os escravos; outro argumento é o do alto custo da produção do café, devido ao fato de ser uma cultura muito intensiva, o baixo nível de mecanização e aos baixos preços do café, produzindo consequentemente as pequenas margens de lucro, que desencorajavam tanto os fazendeiros quanto os colonos. Uma outra idéia do caso é a de que, passados os primeiros anos os trabalhadores livres só continuavam a trabalhar mediante o uso da coerção ou o oferecimento do uso de contratos mais favoráveis. Atribuiu-se também, ao fim do sistema, a origem urbana dos colonos, muitos destes tinham outros ofícios em suas terras.⁵ Não cabe aqui tratarmos dos processos que puseram fim a experiência colonizadora realizada pela

firma Vergueiro & Cia., o principal intuito deste texto é trabalhar com o livro de Thomas Davatz e o estudo em forma de prefácio de Sergio Buarque de Holanda.

Thomas Davatz veio para o Brasil em busca de uma vida melhor, como os outros colonos, sonhava com um pedaço de terra. A primeira opção dele seria os Estados Unidos, entretanto seguiu ao Brasil: "... a idéia de emigrar me viera a mente já antes de 1855. Meu desejo ardente, por essa época, era descobrir em um dos Estados da União Norte-Americana um lugar adequado onde se reunissem numerosas pessoas(...) Imaginava um lugar onde elas pudessem sustentar-se descentemente..."⁶ Homem de boa instrução, vindo de uma Europa eivada de idéias liberais, e mesmo socialistas, não tinha condições de se enquadrar num esquema em que o trabalho escravo existia lado a lado como o trabalho do colono e que, em muitos casos o colono era tratado como escravo. Tanto o escravo quanto o colono participavam da engrenagem da fazenda, Davatz compreendia isto, e percebia a mentalidade escravocrata dos patrões: "Já sabemos como esses empresários tem agido até aqui com seus parceiros e pode prever-se desde já como agirão para o futuro, tendo em conta o fato de se acharem habituados, desde a infância, a tratar com escravos e não terem aprendido até aqui a respeitar os direitos que assistem um trabalhador livre." Na passagem seguinte faz referência aos valores do colono e do escravo para o patrão: "Aos olhos desses homens o colono europeu só vale mais do que os negros africanos pelo fato de proporcionar lucros maiores de custar menos dinheiro."⁷ pag.233

No livro Davatz levanta várias situações do dia a dia dos colonos, faz referências às habitações, ao clima, a vegetação, como um viajante relata as condições dos colonos de língua alemã. Suas descrições servem como fonte para uma análise da influência alemã na região de Limeira. Seu livro não só vale como documento de fonte política, mas também para as outras análises. Suas observações sobre a religião do imigrante protestante e dos brasileiros católicos é muito interessante, ele também dá informações quanto aos ritos fúnebres dos colonos, dizendo que em outras colônias os mortos são enterrados até nas florestas, muitas vezes sem acompanhamento, e mesmo sem o caixão, porém, os defuntos católicos não levam este azar, são eles enterrados no "campo santo" da cidade vizinha.⁸ pag123-124

O valor documental da obra de Davatz é imensurável, livro em que as condições de trabalho dos colonos são descritas com detalhes importantes, na história do Brasil o livro Memórias de um colono no Brasil se torna obra prima por sua raridade como documento. Na nota introdutória do livro, Rubens Borba de Moraes enriquece ainda mais a fortuna crítica do livro: "Na vasta bibliografia sobre a imigração em São Paulo existem obras redigidas por

presidentes de província, por deputados, por fazendeiros, por diretores de companhias de imigração. Existem relatórios feitos por cônsules contaminados pelo terrível ´morbus consularis` (grifado pelo autor), relações de viajantes mais ou menos imparciais, mas nenhum documento escrito pela parte interessada: o colono.” A história oficial legou ao pesquisador inúmeros documentos, de todas as perspectivas tem se a possibilidade de compreender a História o livro Memórias de um colono é a grande soma para quem pretende compreender a História da agricultura paulista. Este livro deu voz aos colonos e com ele o pesquisador tem a possibilidade de analisar a História de todas as possibilidades. Como escreveu Sergio Buarque no prefácio: “É preciso fazer falar a multidão imensa dos figurantes mudos que enchem o panorama da história e são muitas vezes mais interessantes e mais importantes do que os outros, os que apenas escrevem a história.”⁹

Ao longo da leitura do livro as notas do tradutor, no caso Sergio Buarque, são muito esclarecedoras, seu trabalho de buscar em livros, ou em documentos trechos que complementam os escritos de Davatz, são muito importantes para o futuro pesquisador, sua contribuição foi imensa. Sergio Buarque garimpou documentos inéditos anexando-os ao final do livro. Encontrou carta de Jose Vergueiro endereçada ao Conselheiro Thomaz Nabuco d` Araujo, e outra carta do próprio Senador Vergueiro dirigida ao vice-presidente da província Antonio Roberto de Almeida. Também trouxe a público o relatório da polícia realizado por José Tavares Bastos, chefe interino da polícia.

Foi João Fernando de Almeida Prado quem revelou ao público o livro de Thomas Davatz quando adquiriu o até então desconhecido livro quinze anos antes de sua primeira edição no Brasil, sua primeira edição é de 1941.

Tentei, com a leitura do livro Memórias de um colono no Brasil de Thomas Davatz e prefácio assinado por Sergio Buarque, tendo como apoio outras leituras acerca do tema, realizar um dialogo entre os dois. Observei que Sergio abriu o caminho para os futuros historiadores que deram atenção ao tema, e mais uma vez da leitura das Memórias de um colono percebi, ainda mais, sua importância para a compreensão dos fatos históricos da então província de São Paulo de meados dos 1800. Tantos foram e tantos são os estudiosos que se dedicaram a compreender o período de transição do trabalho escravo para o livre, muita história foi contada e muita história será contada. A História não se esgota.

Notas

(1) Sergio Buarque de Holanda e Thomas Davatz. PETRONI, M. T. Schorer. . Art. Ethnos Brasil, publicação semestral do NUPE, Núcleo Negro da UNESP para Pesquisa e Extensão. Dossiê Sergio Buarque de Holanda. Ano I – n ° 2, set. 2002.

(2) Memórias de um colono no Brasil(1850). DAVATZ, Thomas., Livraria Itatiaia Editora LTDA., Editora da Universidade de São Paulo. 1980. Pags. 47-48

(3) Prefácio, BUARQUE, S. in Memórias de um colono no Brasil(1850), DAVATZ, Thomas. Pág. 19.

DAVATZ, T. pág. 90.

(5) Cafeicultura, homens, mulheres e capital (1850-1980), STOLCKE, Verena. Ed. Brasiliense, São Paulo, 1986. Neste livro a autora discute as varias teses acerca do período de transição do trabalho livre para o escravo. Argumenta com Emília Viotti, Warren Dean, dentre outros.

(6) DAVATZ, T. pág. 161.

(7) DAVATZ, T. pág. 233.

(8) DAVATZ, T. pág. 123-124

(9) Prefácio, Sergio Buarque de Holanda, in Davatz, T. pag. 44-45

Referências Bibliográficas

Livros

BORGES, Vavy P. O que é História. Brasiliense, São Paulo, 2001.

CHAUÍ, Marilena, O que é Ideologia. Brasiliense, São Paulo, 2003

DAVATZ, Thomas, Memórias de um colono no Brasil. Edusp & Itatiaia, 1980.

FAUSTO, Boris, História do Brasil. Edusp, São Paulo, 2002

FERNANDES, Florestan, A integração do negro na sociedade de classes. Boletim nº 301 F.F.C.L. USP, São Paulo, 1964.

MARTINS, José de Souza, O Cativo da Terra. Hucitec

STOLCKE, Verena, Cafeicultura, homens, mulheres e capital (1850-1980). Brasiliense, São Paulo, 1986.

TSCHUDI, J.J. Von, Viagem às Províncias do Rio de Janeiro e São Paulo, 1953.

VIOTTI, Emilia, Da Senzala à Colônia, São Paulo, 1966.

_____ Da Monarquia à Republica, São Paulo, 1977.

Artigos

FARIAS, Jackson, História sem paredes: uma visita à fazenda. Revista Desvendando a Historia, ano I, nº2.

FRANCRSCHETO, Gilmar, As imagens perdidas de Victor Frond. Revista Nossa Historia, anos 2, nº14, 2004.

PETRONI, M. T. Schorer. Sergio Buarque de Holanda e Thomas Davatz. Art. Ethnos Brasil, publicação semestral do NUPE, Núcleo Negro da UNESP para Pesquisa e Extensão. Dossiê Sergio Buarque de Holanda. Ano I – nº 2, set. 2002.

STOLCKE, Verena e HALL, Michael M., A introdução do trabalho livre nas fazendas de café de São Paulo. Revista Brasileira de História, ano 6, pp. 80-120, set. 1983.

WINTTER, J. Sebastião, Um estabelecimento agrícola no estado de São Paulo nos meados do século XIX. Revista de História, nº 98, 1974.